

O COMPARTILHAMENTO COMO ALTERNATIVA SUSTENTÁVEL NA MODA: GUARDA-ROUPA COMPARTILHADO

The sharing as sustainable alternative in fashion: shared wardrobe

Gimenez, Ana Carolinna; Graduanda; Faculdade Santa Marcelina,
anacarolinnag@gmail.com¹

Carvalhoes, Ana G.; Doutoranda e Mestre; Faculdade Santa Marcelina
anagoldc@gmail.com²

Resumo

Através da análise crítica do contexto contemporâneo da moda, fundado no hiperconsumo e na produção de peças programadas para rápida obsolescência, esta pesquisa busca refletir sobre alternativas reais e práticas que consideram a sustentabilidade e suas novas formas econômicas. O compartilhamento é apresentado como inovação econômica, que circula em rede, questionando a posse e o consumo alienado. Apresentamos a ideia da economia baseada no serviço, e temos como objeto de pesquisa o guarda-roupa compartilhado. Como reflexo de seu tempo, a moda expressa essas novas formas de relações culturais, que, a partir do compartilhamento, muda comportamento, consumo e indústria.

Palavras-chave: compartilhamento; moda; consumo; sustentabilidade; economia.

Abstract

Through critical analysis of the fashion's contemporary context, established in hyper consumption and production of planned obsolescence, these research reflects on real and practical alternatives that consider sustainability and its new economic forms. Sharing is presented here as economic innovation, that circulates on a network, questioning ownership and alienated consumption. We present here the idea of economy based on service. Our research object is the shared wardrobe. As a reflection of its time, fashion expresses these new forms of cultural relations, that, through sharing, changes behavior, consumption and industry.

Key-words: Sharing; Fashion; consumption; sustainability; economy.

¹ Graduanda do curso de Moda pela Faculdade Santa Marcelina.

² Bacharel em Comunicação e Artes do Corpo pela PUCSP, Mestra em História da Arte (USP) e doutoranda pelo Núcleo da Subjetividade (PUCSP). É autora do livro *Persona Performática* (Ed. Perspectiva, 2012).

Introdução

Segundo BAUMAN (2008, p. 152), numa sociedade de consumidores e na era das Políticas de vida que substituem o ciclo econômico mais verdadeiro, o único que mantém de fato a economia de pé, é o ciclo de “compre, use e jogue fora”. Tal problemática está diretamente relacionada ao universo da moda: o hiperconsumo e a obsolescência programada de seus produtos.

Os produtos da moda já nascem efêmeros e, por isso, logo cairão em obsolescência (LIPOVETSKY, 1989). Assim, todo o dinheiro, tempo e matéria-prima gastos para sua produção resultarão rapidamente em lixo têxtil em aterros sanitários, quando, na maioria das vezes, as peças ainda se encontram em bom estado.

No final do século XX, começam a surgir questionamentos e estudos a respeito de como as esferas de consumo e produção impactam o meio ambiente e as gerações futuras. Em 1987, a norueguesa Gro Harlem Brundtland, ex-primeira ministra de seu país, publicou um livreto chamado “Our Common Future³”, que pela primeira vez definiu o conceito de desenvolvimento sustentável como “[...] suprir as necessidades do presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprirem as próprias necessidades.”⁴ Era a primeira vez que se falava no uso de recursos naturais de forma inteligente e consciente.

A indústria têxtil é uma das atividades mais poluidoras do mundo: “Além de demandar muita energia na produção e transporte de seus produtos, a indústria têxtil polui o ar com emissões de gases de efeito estufa; e o solo, com o uso de pesticidas de alta toxicidade” (BERLIM, 2015. P. 33). A sustentabilidade na moda é uma necessidade contemporânea, uma demanda social.

Em vista a esse cenário, o mundo atual se encontra em estado de alerta. Nunca foi tão necessária a discussão de alternativas ao consumo exacerbado, ao descarte irresponsável e à degradação ambiental. A pressão econômica e ecológica faz florescer o que BAUMAN (2008) chama de “desvalorização do ‘agora’”, em que há o sacrifício de recompensas individuais em benefício do “todo”, criando, assim, uma nova noção de comunidade, ou seja, do que é comum.

Dentro do pensamento economicamente sustentável, há diversos autores que abordam o problema do consumo de distintas formas. Kazazian (2005) questiona a ideia de posse dos objetos, trazendo à tona a seguinte

³ Disponível em: <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>

⁴ Frase original: “Sustainable development is development that meets the needs of the present without compromising the ability of future generations to meet their own needs.”

proposição “Não poderíamos ser depositários dos objetos e não seus proprietários? - (KAZAZIAN, 2005, p.47), propondo então a disponibilização de um serviço que daria ao usuário o acesso a tal produto, sem ser preciso adquiri-lo, proporcionando também a possibilidade de o compartilhar com outras pessoas. Conseqüentemente, apresenta a ideia de uma sociedade baseada no uso como meio de aliviar a economia.

Na última década, um novo tipo de movimento e comportamento tem ganhado notoriedade ao redor do mundo, muito em função da revolução tecnológica trazida pela internet. O compartilhamento e o consumo colaborativo de informações, ideias, produtos e serviços são uma realidade atual que impacta a forma de consumir e de possuir os objetos. Dito isto, a pesquisa vigente tem como objetivo apresentar os aspectos da economia compartilhada e a forma como esta afeta a moda. São apresentados e discutidos argumentos do compartilhamento como uma nova forma de se pensar o guarda-roupa. Para tanto, foi levantada bibliografia da área de sustentabilidade, ética e inovação, visitas a espaços relacionados à economia compartilhada, além da análise e reflexão crítica de um movimento que se amplia no contexto complexo que é a contemporaneidade.

O que é economia compartilhada

O conceito de *Sharing Economy*⁵ foi eleito, em 2011, pela revista *TIME*⁶ como uma das 10 ideias que irão mudar o mundo. A Economia Compartilhada propõe uma forma de interação entre empresas e pessoas através de práticas ligadas à lógica do serviço. Ou seja, o consumidor compra, muitas vezes por meio de plataformas digitais, o benefício de usufruir de um produto, ideia ou espaço, através de empréstimo, aluguel e/ou compartilhamento, sem ter a necessidade de adquiri-lo.

Desde a primeira Revolução Industrial até o final do século XX, as práticas econômicas mundiais estavam baseadas em um pensamento consumista voltado ao aumento constante da produção e do consumo. Já na virada do século XXI, outro tipo de revolução vem à tona: a internet como meio de comunicação; através das redes sociais, acontece uma mudança cultural e comportamental significativa. O consumidor, agora entendido também como “usuário”, tem enorme liberdade de informação e expressão, criando um aumento de compartilhamento de informações e opiniões pessoais. Embora não se saiba ainda o impacto final disso, é essa mudança que irá dar base ao pensamento de compartilhamento coletivo.

⁵ Economia compartilhada

⁶http://content.time.com/time/specials/packages/article/0,28804,2059521_2059717_2059710,00.html

A web 2.0⁷ tem papel central como impulsionadora da Economia do Compartilhamento devido a este sistema evidenciar mais do que uma mudança tecnológica e econômica, mas fundamentalmente uma mudança cultural na forma como as pessoas se relacionam com as demais e também por sinalizar para uma redefinição da relação que temos com os objetos em nossas vidas. (VASQUES, 2015. P. 91)

A grande recessão de 2008 nos EUA, que também afetou os demais países, foi um marco para a economia do compartilhamento. Naquele momento, o serviço de uso compartilhado mostrou-se vantajoso economicamente por conta da facilidade de promover ganhos extras para quem os oferecesse, além da redução de custos para quem os utilizasse, sendo uma alternativa à crise. Dessa forma, surge uma mudança no relacionamento das pessoas com as coisas, através de um alinhamento ao seu real custo, combatendo o desperdício (GANSKY, 2010).

Além de todos estes pontos, a economia compartilhada está relacionada diretamente à sustentabilidade, pois dialoga contra o hiperconsumo, o acúmulo de posses e o descarte irresponsável de produtos. Segundo Manzini e Vezzoli (2002), o uso coletivo e compartilhado é uma maneira de intensificar o uso e prolongar a vida útil dos objetos, com isso trazendo um impacto ambiental positivo, levando em conta a redução da quantidade produzida de produtos que serão disponibilizados para atender a diversos indivíduos. Reverte-se, assim, a situação: cada consumidor consome o mesmo produto individualmente por um curto período de tempo, rompendo com a lógica da obsolescência programada.

A Economia Compartilhada se baseia numa ideia de rede entre seus usuários, por meio da participação coletiva, da confiança mútua e da identificação com o grupo. Além de tudo, há certo altruísmo e desprendimento material presente quando se fala em compartilhamento.

As características mais determinantes das redes são a incomum flexibilidade de seu alcance e a extraordinária facilidade com que sua composição pode ser modificada: itens individuais são adicionados ou removidos sem um esforço maior do que o necessário para se digitar ou apagar um número na agenda de um telefone celular. [...] Nas redes, o “pertencimento” se torna um (leve e inconstante) sentimento de “identificação”. (BAUMAN, 2008. P. 126)

As pessoas estão mais desconfiadas das grandes marcas, mais receptivas às empresas locais, e, mais do que nunca, conectadas através da tecnologia; existe também uma valorização de experiências, ao invés do custo da propriedade. Ao mesmo tempo, as empresas cada vez mais têm percebido

⁷ Internet como plataforma de interação.

um potencial econômico em meio a todo esse cenário, já que os consumidores vêm mostrando um interesse considerável às novas economias, buscando alternativas ao convencional, isto é, aos negócios que estavam voltados para a venda de produtos em massa. Cada vez mais estão sendo inseridos modelos de negócio que repensam a otimização de tempo e dinheiro, recursos e gastos - segundo Gansky (2010), o futuro dos empreendimentos é o compartilhamento, através de práticas mediadas por plataformas online e alugueis de curta duração.

Em 2001, Jeremy Rifkin⁸ desenhou a economia compartilhada como um cenário futuro e tendência de comportamento, que hoje já pode ser considerado bem próximo da realidade. Apesar de ainda estar no começo e com fronteiras pouco estabelecidas, este novo tipo de economia propõe boas perspectivas, além de uma visão otimista quanto ao futuro.

No Brasil, (...), a Economia do Compartilhamento se fortaleceu a partir de 2012, inicialmente por meio do movimento de *co-working* (escritórios compartilhados) e a partir de 2014 em outras áreas, como um reflexo de práticas importadas da Europa e EUA, encontrando, na sociedade jovem, campo fértil para sua propagação, em meio a outras ondas como o movimento *startup*, por exemplo. (VASQUES, 2015. P. 92)

Já existem projetos e iniciativas dentro da moda que se baseiam neste conceito, que chamam atenção por serem vistos como influenciadores de comportamento e consumo. Se existe uma necessidade atual e real de se repensar o consumo de moda, o compartilhamento pode ser uma alternativa relevante e, por isso, deve ser discutido e estudado: a moda em sua nova consciência ética já foi anunciada, agora é preciso estar atento ao que de fato se tornará realidade.

Sustentabilidade e economia compartilhada dentro do universo da moda

Com o crescente cenário de mudanças climáticas intensas, o mundo se vê num desafio extremo que exige atenção e cautela: ou mudamos hábitos e nos concentramos em recuperar o estrago ambiental causado por nossos excessos, ou continuaremos a seguir por um caminho que só irá intensificar a autodestruição do planeta. É por isso que a sustentabilidade é de absoluta importância no contexto da época – Ela se preocupa em pensar como suprir as necessidades do presente sem que se afete a qualidade de vida das gerações futuras.

⁸Autor do livro “The Age of Access: The New Culture of Hypercapitalism, Where all of Life is a Paid-For Experience”

Quando se fala em sustentabilidade, a palavra-chave é preservação. O dicionário Michaelis⁹ define esta palavra como “Pôr(-se) ao abrigo de algum mal, dano ou perigo futuro; defender(-se), resguardar(-se)”, portanto, o mal em questão é a própria irresponsabilidade humana. É preciso reavaliar a forma como o ser humano impacta ao planeta. Quando se pensa em impacto, o consumo irresponsável é a ação de maior impacto negativo. Embora, o desejo por consumo não vá se extinguir em nosso horizonte de vida, devem surgir novas alternativas sustentáveis para que haja uma forma de consumo consciente. A moda sem o consumo não é moda.

A indústria da moda e do luxo constitui uma atividade econômica importante. Com efeito, de acordo com o instituto de pesquisas de mercado Euromonitor Internacional, essa indústria representa cerca de 6% do consumo mundial diante de todos os setores industriais, com uma cifra de 1,4 trilhão de euros em 2008. (GODART, 2010, p. 12)

Ademais, é necessário ressaltar que, além de ser uma das atividades econômicas de maior importância mundial, sua indústria é uma das mais poluentes e antiéticas que existem – vide o documentário *The True Cost* (Andrew Morgan, 2015), que aborda o colossal impacto da indústria da moda em milhões de pessoas e ao planeta. Apresentando cenas que retratam trabalhadores em situações análogas à escravidão e o esgotamento dos recursos naturais, o uso de pesticidas e sementes transgênicas para que a produção de algodão consiga atender à demanda de consumo, a consequente poluição do meio ambiente e os problemas de saúde decorrentes destes mesmos. Portanto, a moda também precisa passar por um processo de reavaliação, desde sua cadeia produtiva até seus padrões de consumo insustentáveis.

O desenvolvimento sustentável só é possível através de justiça social para com trabalhadores e produtores; viabilidade econômica, para que se chegue a produtos viáveis comercialmente; e da preservação ambiental, sempre visando à redução para perto de zero das agressões ao meio ambiente, pensando sempre a respeito da qualidade de vida em âmbitos locais, mundiais e futuros. Dessa forma, tendo como ponto de partida pesquisas e experiências, para que se alcancem resultados viáveis, que, felizmente, já estão sendo desenvolvidas.

Na esfera da sustentabilidade, o foco atual das pesquisas dos setores de moda e produção têxtil está no produto e no seu processo de produção, obedecendo a uma tendência mundial,

⁹<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=preservar>

originada nas últimas décadas do século XX, para o desenvolvimento de materiais ecológicos. Mais recentemente, as pesquisas passaram a abranger não apenas o aspecto ambiental de seus produtos, mas também suas questões sociais, econômicas, políticas e culturais, analisando desde o processo produtivo até o consumo e descarte desses bens. (BERLIM, 2015, p. 21)

Ainda mais importante que a descoberta de materiais ecológicos e meios de produção limpos, a ressignificação na lógica de consumo é um assunto de prioridade para a sustentabilidade de moda. A escolha do consumidor, a respeito de qual marca irá comprar e o que irá comprar, é de alta relevância: por isso, as marcas precisam adotar uma postura de transparência quanto à sua linha de produção como embasamento para a tomada de consciência de seu consumidor final. Como propõe Berlim (2015), a sustentabilidade não pode ser vendida, ela é uma filosofia a ser estimulada. Ou seja, é uma responsabilidade das marcas deixar claro para o consumidor o que ele está comprando e de conscientizá-lo a respeito dos impactos socioambientais que suas peças causaram até chegar a ele. Ao mesmo tempo, “cabe ao consumidor ter atenção necessária para buscar a informação correta sobre cada produto e ser consciente de suas escolhas” (BERLIM, 2015, p. 63).

A Economia Compartilhada é, nesse sentido, uma possibilidade que dialoga com a sustentabilidade, por ser uma alternativa à obsolescência programada do hiperconsumo, motivada pelo desejo e efemeridade das tendências de moda. Para que seja viável, é necessário que o padrão de consumo atual seja repensado, ou seja, os produtos produzidos pela indústria precisam ser planejados para que sejam duradouros, e, assim, atender a uma maior quantidade de pessoas.

Kazazian (2005) fundamenta a ideia de que, num futuro próximo, a atual sociedade baseada em produtos deveria dar lugar a uma nova sociedade baseada nos serviços prestados a partir dos produtos gerados pela indústria.

O produto é apenas o suporte de um serviço prestado, um intermédio que deve assegurar a qualidade de prestação a ser realizada. [...] O serviço cria uma grande diversidade de possibilidades para uma única e mesma utilização. [...] Dessa forma, o próprio termo “produto” perde a significação que tinha, diretamente herdado da Revolução Industrial, para se tornar mais um suporte para determinado uso do que um objeto possuído. (KAZAZIAN, 2005, p. 43)

A moda, atualmente, já apresenta algumas iniciativas que propõem o compartilhamento e a troca de roupas, espaços, modelagens, tecidos, etc. Todas essas com algum tipo de cunho sustentável. São alternativas, muitas

vezes propostas por empreendedores jovens, que tentam caminhar contra a lógica capitalista e que acabam por gerar uma nova consciência que engloba novas práticas de produção, consumo e vestir. A seguir, estão apresentadas algumas delas, que podem ser consideradas serviços dentro da lógica de Kazazian, ou seja, aquilo que agencia a circulação do produto sob uma nova lógica.

Feiras de Trocas

No Brasil, um grande fenômeno vem surgindo pelas grandes cidades do país: as feiras de trocas. Geralmente acontecem em praças públicas, onde os participantes trocam objetos (principalmente roupas) entre si e não há dinheiro envolvido nas trocas. Mundialmente conhecidas como “*clothing swap party*”¹⁰, promovem o consumo colaborativo, a renovação do guarda-roupa de forma consciente e sustentável através do reuso, sem que as roupas caiam no esquecimento ou sejam jogadas fora. Dois exemplos de iniciativas parecidas que acontecem em São Paulo são o Projeto Gaveta¹¹ e o Trocaderia¹².

As novas tecnologias de rede também ajudam de forma potente na criação de uma prática sustentável. São atividades comunitárias virtuais que ressoam diretamente na vida cotidiana. Fora do país já existem plataformas de troca online como o Swapdom¹³, que têm o mesmo conceito das trocas de roupas *offline*, só que com a facilidade dos recursos online. Já está encaminhado, no Brasil, um projeto neste estilo, chamado “Roupa Livre”¹⁴, em que um usuário posta uma foto de sua roupa e vasculha nessa mesma plataforma diversas roupas de outras pessoas. Ela seleciona uma roupa de interesse. Se houver mútuo interesse entre os proprietários daquelas roupas, ocorrerá uma correspondência entre os usuários e eles poderão realizar a troca.

Coworkings

Atualmente, com a facilidade da tecnologia, não é mais preciso trabalhar em um único lugar corporativo. É nestes moldes que surgem os escritórios compartilhados. Estes espaços não são uma exclusividade da moda, já existem milhares deles espalhados pelo mundo e são especializados em diversos setores de trabalho. O profissional paga uma taxa para utilizar o espaço, e nela está calculado um valor por hora, sem a necessidade de pagar todas as despesas e manutenção que um escritório acarretaria mensalmente, pois tudo fica por conta do proprietário da instalação. Ou seja, é o compartilhamento de um espaço de trabalho entre várias pessoas, onde muitas vezes há a possibilidade de profissionais com interesses comuns se conhecerem. Além da

¹⁰ Tradução adaptada: Festa de trocas de roupas

¹¹ <http://www.projetogaveta.com/>

¹² <http://blog.trocaria.com.br/>

¹³ <http://www.swapdom.com/home/>

¹⁴ <http://www.roupalivre.com.br/app/>

economia de recursos, esse é um espaço onde se pensa e se pratica o comum – um caminho à reflexão sobre a vida sustentável de forma global.

No caso da moda, muitos escritórios são estruturados com equipamentos que podem ser utilizados por seus usuários, como máquinas de costura, estúdio de fotografia, máquinas para corte, entre outros. No Brasil, dois *coworking* de moda se destacam: o LAB Fashion¹⁵ em São Paulo e o recém-inaugurado Malha¹⁶ no Rio de Janeiro. Ambos promovem eventos, palestras e *workshops* em suas instalações, além de apoiarem a moda sustentável, colaborativa e local.

Bibliotecas de Moda

Existem alguns espaços ao redor do mundo que funcionam como uma biblioteca tradicional de livros; entretanto, seu acervo, por vezes, é composto de roupas, acessórios e sapatos, ou modelagens, ou até mesmo tecidos. As formas de funcionamento dos empréstimos variam de negócio para negócio, entretanto, todas têm uma coisa em comum: a busca pelo fim da obsolescência daquilo que, para algumas pessoas, não tem mais valor e para outras poderá servir muito bem.

a) Biblioteca de itens de vestuário:

A primeira surgiu em Amsterdã, “Lena – The Library Fashion¹⁷”, e tem como propósito aumentar a consciência no consumo e ser sustentável; apenas disponível para mulheres, funciona através de uma assinatura mensal a partir de € 19,95 e dá direito a uma quantidade de pontos. Cada peça do acervo está associada a uma quantidade específica de pontos e, quanto mais se paga pela taxa de assinatura mensal, mais pontos são acumulados, dando direito a mais peças ou diferentes tipos de peças. Existe a possibilidade de as clientes contribuírem doando suas peças para o acervo, entretanto é restrito a uma curadoria feita pela própria biblioteca, ou seja, poucas são as peças de fora que são aceitas.

Em São Paulo, está localizada a “Roupateca”¹⁸, dentro de um *coworking* chamado *House of Bubbles*. Funciona por assinatura gradativa, de R\$100, R\$200 ou R\$300¹⁹ por mês e estas te dão direito, respectivamente, a 1, 3 ou 6 peças por vez. Há a possibilidade de contribuição para o acervo através da doação de peças.

b) Biblioteca de modelagens:

Em São Paulo o projeto intitulado “Ateliê Vivo”²⁰ propõe uma biblioteca pública de modelagens e um espaço de construção de roupas. O intuito é que cada usuário possa ter a experiência de produzir suas próprias

¹⁵ <http://www.labfashion.com.br/>

¹⁶ <http://www.malha.cc/#manifesto>

¹⁷ <http://www.lena-library.com/>

¹⁸ <http://www.houseofall.co/>

¹⁹ Informação coletada a partir da divulgação no site

²⁰ <https://www.facebook.com/atelievivo/>

roupas a partir de modelagens doadas por estilistas. Logo, promove o empoderamento das pessoas, o que significa a conquista da própria autonomia quanto ao consumo, podendo conquistar uma peça de roupa sem precisar comprá-la da indústria. O projeto acontece apenas aos sábados, no período da tarde/noite, na Casa do Povo, localizada no bairro do Bom Retiro e a participação é gratuita, apenas é necessário ter conhecimento prévio em modelagem, corte e costura e levar seu próprio tecido.

c) Biblioteca de tecidos:

O projeto do “Banco de Tecido²¹”, também de São Paulo, surge da preocupante quantidade de resíduos têxteis descartados diariamente ao redor do mundo – são erros de produção, sobras e estoques que acabam virando lixo e contaminando o meio ambiente. Assim, nasce um espaço que possibilita o depósito de tecido, recolocando-o no mercado e dando um novo ciclo de vida para ele; dessa forma, deixando a cadeia têxtil mais sustentável. O usuário tem a possibilidade de comprar a quantidade de tecido necessária, ou, também, depositar uma quantidade de tecido e usá-la como moeda de troca; a unidade é o quilo do tecido. Para cada quilo doado, há o acúmulo de créditos para serem trocados por outros tecidos do acervo.

Guarda-Roupas Compartilhados

Trata-se de uma rede colaborativa de empréstimos de roupas para o dia a dia ou para ocasiões especiais, em que há a possibilidade das roupas circularem entre seus participantes, gerando uma comunidade de compartilhamento. É uma rede totalmente democrática, pois há a participação direta do usuário ao compartilhar suas peças com outras pessoas. Diferentemente das feiras de troca, os guarda-roupas compartilhados têm aspecto de biblioteca de itens de moda, mas seu acervo não é fixo e as trocas feitas pelos usuários envolvem dinheiro. É muito semelhante ao mercado de aluguel de roupas, mas aqui as peças de roupa disponíveis, na verdade, pertencem aos usuários – na maioria das vezes –, e podem ser retiradas do guarda-roupa compartilhado a qualquer momento, se desejado.

É muito interessante, quando aplicado ao compartilhamento de roupas de festa, pois são peças que não foram feitas para serem usadas sempre, mas apenas em ocasiões específicas e, por isso, caem facilmente em esquecimento. Lojas como a Império Diva²², do Rio Grande do Norte, já disponibilizam um serviço de guarda-roupa compartilhado, em que as clientes colocam à disposição suas peças por um valor acordado, e, ao serem alugadas, a proprietária da roupa recebe uma participação de 50%

²¹ <http://bancodetecido.com.br/>

²² <http://emporiodiva.com.br/guarda-roupa-compartilhado/>

daquele valor. Existem também sites que são especializados em rede de compartilhamento de roupas de festa online, por exemplo o *My Open Closet*²³, onde a usuária pode compartilhar seu vestido e receber após 10 alugueis o preço de venda da peça, podendo escolher se receberá o valor em crédito para gastar no site ou em dinheiro. Esse acerto é realizado por um contrato entre a empresa e a pessoa que utiliza o serviço (tanto para quem compartilha, como para quem aluga). As peças podem ser administradas tanto pelo intermédio da empresa com os usuários, como somente entre usuários; a escolha fica por conta de quem disponibiliza a roupa. Outra plataforma *online* é o *Wardrobe*²⁴, que tem como intuito apenas disponibilizar o espaço para alugueis, deixando as negociações por conta dos usuários. Funciona para todos os tipos de roupas, apesar de atualmente focar mais em peças de festa.

Por fim, o último exemplo de economia compartilhada voltado para um novo aspecto de se pensar guarda-roupa: o *Lucid Bag* Guarda-Roupa Coletivo²⁵. Localizado em São Paulo, esta comunidade funciona por meio de planos de assinatura mensal, nos quais a quantidade de itens que podem ser retirados do guarda-roupa varia gradativamente. No plano mais básico é possível alugar até três peças por vez, no intermediário quatro e no mais completo é permitido até 5 peças, além de um item surpresa. As roupas poderão ser usadas por 10 dias; ao final do prazo, todas as peças são devolvidas e o usuário pode pegar mais outros itens. Os planos terminam ao final de um mês. São essas as categorias para classificar as peças: R\$50 – Roupas para o dia a dia e Fast Fashion (que são tidas como roupas de pouca qualidade e durabilidade); R\$150 – Roupas com mais informação de moda, qualidade e marcas melhores; e R\$300²⁶ – Roupas mais refinadas e de gala. O acervo é totalmente colaborativo e o lucro é compartilhado com as participantes da comunidade. Tirando o plano mais simples – em que não há comissão – e as peças de gala – o valor da comissão é variável por peça –, cada item alugado, pertencente a um usuário, equivale a uma comissão de R\$20 ao dono.

O que todas estas iniciativas têm em comum é a contribuição para uma conscientização na forma de se pensar consumo de moda, refletindo sempre sobre o impacto positivo que essa atitude de compartilhar pode gerar ao planeta. Por isso, o guarda-roupa compartilhado é um objeto de estudo interessante quando relacionado à sustentabilidade – qual sua repercussão no universo da moda? Seria ele um dos caminhos para um futuro sustentável?

²³ <http://myopencloset.com.br/>

²⁴ <http://www.wardrobe.com.br/>

²⁵ <http://lucidbag.com.br/>

²⁶ Informações registradas no dia 20 de março de 2016

O guarda-roupa compartilhado e seus impactos

A busca por alternativas sustentáveis, dentro do universo da moda, é uma realidade eminente e que não pode mais ser adiada. Muitos autores têm discutido a respeito do assunto; muitos apresentam a ideia de que o produto, quando concebido dentro do *design* sustentável, deve ser entendido com o propósito de gerar baixo impacto ambiental e ter alta qualidade, para que seja durável. Vezzoli (2002) e Kazazian (2005) apontam que, na concepção do produto, deve-se considerar não somente o produto, mas também os caminhos que ele pode tomar, como atender a um tipo de serviço (pode-se entender como serviços todos aqueles projetos que foram descritos na sessão anterior); para isso, é preciso pensar no que estes autores chamam de “ecoeficiência” – termo usado por Vezzoli (2002) – projetando trajes que tenha uma vida útil prolongada e que possam ser intensamente usados.

No universo da economia compartilhada, Vezzoli (2002) propõe o compartilhamento das roupas como um cenário de sustentabilidade ainda em construção na moda. Segundo o autor, para que haja realmente a efetividade da realidade sustentável, é necessária uma mudança na percepção social da qualidade do que está sendo oferecido, uma mudança da valorização da posse de produtos sempre novos. A reflexão sobre a satisfação, reduzida ao consumo de determinado benefício ou objeto, significa o abandono do modelo dominante centralizado na aquisição de produtos de rápida obsolescência.

É nesse contexto que surge um novo conjunto de práticas de consumo que constituem uma nova subjetividade, baseada na rede, no compartilhamento e nas novas formas de conexão com o outro e o mundo. O guarda-roupa compartilhado propõe a moda como coletivo: propõe uma comunidade através de uma rede de pessoas que se identificam com o guarda-roupa. As roupas presentes ali não pertencem apenas a uma única pessoa, mas sim a várias, através da construção coletiva do acervo. O acervo, assim, se faz rico pela troca da comunidade conectada a essa rede. Por isso, os preceitos de confiança e desprendimento material são base desta iniciativa. Desta forma, uma das propostas é a reinvenção das peças ali presentes, dando oportunidade ao usuário de estar vestindo sempre roupas diferentes e adequando aquelas peças às suas necessidades, sem que haja a necessidade de recorrer ao produto novo.

Como alternativa sustentável, o compartilhamento de roupas é interessante, pois apresenta vantagens ambientais, econômicas e sociais: Primeiramente, é uma forma de resistência ao consumo exacerbado e ao desperdício de bens e produtos. Por meio do prolongamento da vida útil e da intensa utilização das roupas, há redução do número de trajes produzidos – as peças que já existem terão sua vida útil melhor aproveitadas e não existirá a necessidade de aquisição de trajes novos com tanta velocidade. – A cuidadoria (termo amplamente utilizado na cena da moda sustentável) também é

importante e reflete nessa economia: o acervo necessita de cuidados, que incluem lavagem e tratamento das peças. A lavagem, que fica por conta do serviço de compartilhamento, é mais sustentável, já que existe eficiência em grande escala.

No que se refere às vantagens econômicas, outra novidade é a maior acessibilidade às peças de moda. Mais pessoas têm acesso a uma diversidade de produtos, ampliando o poder aquisitivo dos usuários, fazendo circular a economia. Ou seja, pessoas que não poderiam ter acesso a determinada peça, por conta de seu elevado valor no comércio, agora podem acessá-la. O intuito do guarda-roupa compartilhado não é vender peças, nem ser uma iniciativa altamente lucrativa, mas sim gerar uma moda democrática, sem que seja antiética. Quando há uma taxa mensal para se acessar o acervo, o preço pago pelo aluguel dos trajes é muito menor que o preço real que o produto foi adquirido. Portanto, o usuário pode usar mais peças por um preço acessível.

O guarda-roupa compartilhado é também uma alternativa flexível, deixando o usuário livre para usar o serviço quando quiser. Não é necessário pagar nada se você não estiver usando. Outro aspecto interessante é que os usuários têm a possibilidade do lucro compartilhado. O usuário pode deixar uma roupa no acervo para ser emprestada e parte de seu aluguel é revertido para si. Essa é a lógica do aluguel em rede: circulação de valores e produtos em uma comunidade.

O enriquecimento social está presente quando o armário compartilhado é tido como meio de conscientização ao consumo. Há certos valores que são mostrados aos usuários para que se atentem a uma mudança de comportamento mais consciente: em primeiro lugar, o conserto da peça, em vez da substituição – podendo até haver uma personalização da peça. Em segundo, maior atenção aos cuidados com as suas peças para que durem mais. Terceiro, a escolha de peças feitas para durarem e que prezam pela sustentabilidade, ou seja, evitando aquele tipo de moda feita para ser consumida e descartada rapidamente. Por fim, há possibilidade de parcerias com marcas locais e designers independentes, através de doações – é uma forma de permuta pela divulgação de marcas e produtos. Logo, é apoio ao comércio justo. Assim, o compartilhamento das roupas pode ser um parceiro do movimento *slow fashion* (Fletcher; Grose, 2012), que busca o lado oposto da moda massificada, conscientizando a partir da ideia de que comprar menos é mais qualidade de vida e sustentabilidade, incentivando o agir ético.

A tecnologia é forte aliada da economia compartilhada, logo, nada mais adequado que usá-la a favor do armário compartilhado. O uso de redes sociais para a divulgação e o desenvolvimento de aplicativos para a plataforma de compartilhamento é bastante interessante no contexto da hipermodernidade (termos de Lipovetsky, 2004): quanto mais conectadas as pessoas estão, maior é seu impacto. Com o tempo, quando o compartilhamento for uma atividade corriqueira das redes sociais, projeta-se que não será mais necessário um

armário físico para armazenar todas as peças de roupa juntas. Elas estarão na casa de cada usuário, que irá fazer o compartilhamento diretamente com outro usuário, apenas através da sua interação na rede. Da interação em rede, cria-se uma comunidade consciente de seu consumo.

A economia compartilhada não tem a pretensão de extinguir o consumo, mas propõem uma mudança de hábito: o consumo precisa ser modificado e conscientizado, já que nos encontramos alienados de toda a cadeia que o envolve. Para isso, é preciso fazer do compartilhamento algo irresistível como experiência, para que cada vez mais o consumidor escolha alugar peças que já existam e compartilhar as peças que possui, praticando o desapego daquilo que está parado em seu guarda-roupa, fortalecendo uma comunidade.

Considerações finais

O guarda-roupa compartilhado está presente em uma nova perspectiva da moda. Foi apontado neste texto que a moda procura seguir por uma vertente sustentável, trazendo uma forma também nova de se relacionar com as roupas, e repensando a posse (a propriedade). Também lida com o desejo de pertencimento e identificação de quem usufrui o serviço. O serviço implica em uma nova forma de consumo. A “cara” do guarda-roupa quem faz são seus usuários. Agora, o que é “meu” é também “seu”. Ou seja, é “nosso”. É nesse sentido que se pode dizer que esta nova corrente na moda é uma corrente de grande transformação: não apenas estética, mas também uma moda que transforma a subjetividade social. Isso significa afetar diretamente o consumidor e a indústria.

Este cenário é muito novo, e está apenas em seu começo. Esta pesquisa não poderá ser concluída agora, pois ainda não se sabe as dimensões, nem direções que esta nova prática irá tomar. Logo, a discussão no meio acadêmico é fundamental, a fim de que os impactos observados dentro da moda ganhem reflexão aprofundada.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *A Ética é Possível num Mundo de Consumidores?* São Paulo: Editora Zahar, 2008.
- BERLIM, Lilyan. *Moda e Sustentabilidade – Uma reflexão necessária.* São Paulo: Editora Estação das Letras e Cores, 2015.
- FLETCHER, Kate; GROSE, Linda. *Moda & Sustentabilidade – Design para a Mudança.* São Paulo: Editora Senac, 2012.
- GANSKY, Lisa. *Mesh: Porque o futuro dos negócios é compartilhar.* Rio de Janeiro: Editora Alta books, 2010.
- GODART, Frederic. *Sociologia da Moda.* São Paulo: Senac, 2010.
- KAZAZIAN, Thierry. *Haverá a idade das coisas leves: design e desenvolvimento sustentável.* São Paulo: Editora Senac, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. *Império do Efêmero.* São Paulo: Editora Companhia das letras, 1989.

_____. Metamorfoses da Cultura liberal: ética – mídia - empresa. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2004.

MANZINI, E.; VEZZOLI, C. O desenvolvimento de produtos sustentáveis: os requisitos ambientais dos produtos industriais. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

PIRES, Dorotéia Baduy (org.). Design de Moda: Olhares diversos. Barueri, SP: Editora Estação das Letras e Cores, 2008.

VASQUES, Rosana. Design, Posse e uso compartilhado: reflexões e práticas. São Paulo: Tese (Doutorado – Área de Concentração: Design e Arquitetura) – FAUUSP, 2015.

THE TRUE COST. Direção de Andrew Morgan. EUA, 2015. 1 documentário (92 min). Disponível em: Netflix.com